

**TRADUZINDO O ESPAÇO NAS ILHAS DE ANANINDEUA A PARTIR DA
PAISAGEM E LUGAR****TRANSLATING THE SPACE IN THE ISLANDS OF ANANINDEUA FROM THE
LANDSCAPE AND PLACE****TRADUZIENDO EL ESPACIO EN LAS ISLAS DE ANANINDEUA DESDE EL
PAISAJE Y LUGAR****Francisco Perpétuo Santos Diniz**Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém,
Brasilfpsdiniz@gmail.com**RESUMO**

Utilizamos o sistema conceitual espaço, paisagem e lugar definido nas diversas obras do geógrafo Milton Santos para analisarmos, traduzirmos e interpretarmos as relações socioespaciais que ocorrem nas ilhas de Ananindeua-Pará. O sistema conceitual selecionado permite-nos traduzir processos que ocorrem no interior da Amazônia, em comunidades extrativistas, ribeirinhas e próximas a Região metropolitana de Belém que sofrem pressões da ordem globalizada, mas resistem pelo lugar e paisagem, ratificando o cotidiano e tradições. Temos o entendimento de que nenhuma teoria dá conta de explicar totalmente a realidade, mas o sistema conceitual adotado permite-nos entender, a partir dos fundamentos do Materialismo Dialético, tais como, as relações que envolvem as partes e o todo, o visível e o invisível e os processos de afirmação e negação, como a dinâmica socioespacial em espaços singulares da Amazônia, estão intimamente relacionadas não podendo ser compreendidas sem a associação das variáveis locais e globais.

Palavras-Chave: Espaço; paisagem; lugar; produção local; dialética.

ABSTRACT

We use the conceptual system space, landscape and place defined in the various works of the geographer Milton Santos to analyze, translate and interpret the socio-spatial relationships that occur in the islands of Ananindeua-Pará. The selected conceptual system allows us to translate processes that occur in the interior of the Amazon, in extractive communities, riverside and near the Metropolitan Region of Belém that suffer pressures of the globalized order, but resist by the place and landscape, ratifying the daily life and traditions. We have the understanding that no theory can explain fully the reality, but the conceptual system adopted allows us to understand, from the foundations of Dialectical Materialism, such as relations involving the parts and the whole, the visible and the and the processes of affirmation and negation, such as the socio-spatial dynamics in singular spaces of the Amazon, are closely related and cannot be understood without the association of local and global variables.

Keywords: Space; landscape; place; local production; dialectics

RESUMEN

Utilizamos el sistema conceptual espacio, paisaje y lugar definido en las diversas obras del geógrafo Milton Santos para analizar, traducir e interpretar las relaciones socioespaciales que ocurren en las islas de Ananindeua-Pará. El sistema conceptual seleccionado nos permite traducir procesos que ocurren en el interior de la Amazonia, en comunidades extractivistas, ribereñas y cercanas a la Región metropolitana de Belén que sufren presiones del orden globalizado, pero resisten por el lugar y el paisaje, ratificando el cotidiano y las tradiciones. Tenemos el entendimiento de que ninguna teoría da cuenta de explicar totalmente la realidad, pero el sistema conceptual adoptado nos permite entender, a

partir de los fundamentos del Materialismo Dialéctico, tales como, las relaciones que envuelven las partes y el todo, lo visible y lo más invisible y los procesos de afirmación y negación, como la dinámica socioespacial en espacios singulares de la Amazonía, están íntimamente relacionados y no pueden comprenderse sin la asociación de las variables locales y globales.

Palabras clave: Espaço; paisaje; lugar; produção local; dialéctica

INTRODUÇÃO

Optamos por interpretar as relações socioespaciais que envolvem homem e natureza nas ilhas de Ananindeua através do sistema conceitual definido por Santos: espaço, lugar e paisagem, pois entendemos que a realidade é uma totalidade produzida historicamente e que se encontra em constante processo de transformação. Assim, uma categoria geográfica sozinha, não dá conta de explicar o movimento do todo social.

Neste sentido, as categorias de análise escolhidas expressam relações contraditórias e estão vinculadas a produção social do espaço. Aliás, o sistema conceitual selecionado permite-nos traduzir processos que ocorrem no interior da Amazônia, em comunidades extrativistas, ribeirinhas e próximas a Região metropolitana de Belém que sofrem pressões da ordem globalizada, mas resistem pelo lugar e paisagem, ratificando o cotidiano e tradições.

Pensar a Amazônia na perspectiva da Geografia é um grande desafio, pois o contexto regional é singular, heterogêneo e multiescalar. Buscamos compreender o espaço amazônico através da totalidade social a partir de categorias centrais da Ciência Geográfica enquanto emanção de relações espaciais inscritas em processos relevantes.

Assim, o objetivo maior do texto é problematizar como as categorias geográficas: espaço, lugar e paisagem podem servir como fundamento da análise das relações socioespaciais no contexto de comunidades ribeirinhas das ilhas de Ananindeua.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NAS ILHAS DE ANANINDEUA

O início da produção do espaço na parte insular de Ananindeua que é formada por nove ilhas (Viçosa, João Pilatos, Santa Rosa, Mutá, Arauarí, São José da Sororoca, Sororoca, Sassunema e Guajarina), ao contrário do que se imagina, não nasceu com a chegada dos primeiros moradores a ilha João Pilatos, comunidade Igarapé Grande, no final do século XIX. Os mapas a seguir localizam geograficamente as ilhas e o município de Ananindeua.



<http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2010/05>.



<http://adrielsonfurtado.blogspot.com/2010/05>

Quando visitamos algumas ilhas de Ananindeua é muito comum ouvirmos narrativas que atribuem o início da produção do espaço local a partir da chegada da família do Sr. Domiciano Ramos. Aliás, a produção do espaço nas ilhas de Ananindeua, não nasceu de uma vontade particular de um morador ou de uma família. A produção do espaço nas ilhas de

Ananindeua é resultante de um movimento global de mundialização do espaço cujos fragmentos foram reproduzidos nas ilhas do município.

Ao situarmos geograficamente as nove ilhas da parte insular de Ananindeua, estamos localizando geograficamente as ilhas no espaço terrestre. Assim, as ilhas pertencem ao município de Ananindeua, que está situado na Região Metropolitana de Belém, que está localizada no estado do Pará, que faz parte da Região Norte, que pertence ao Brasil, que está contido na América do Sul, que por sua vez pertence ao Continente Americano, etc. Neste sentido, a localização geográfica que acabamos de descrever é somente parte do objeto empírico vinculado a análise da produção do espaço de Ananindeua. Contudo, quando consideramos a situação geográfica estamos partindo do objeto empírico que é parte da manifestação da aparência até chegarmos a produção temporária da essência.

A essência é temporária porque é condicionada historicamente e sempre expressa processo. Assim, a colonização da parte insular de Ananindeua relaciona-se a uma dinâmica global de produção do modo capitalista no Brasil, na Amazônia e no Pará. Os primeiros habitantes das ilhas, os índios, colonos, remanescentes de quilombos ou a família Domiciano Ramos, não podem ser os únicos responsabilizados pelo início da produção do espaço na parte insular, pois como instância social e espacial toda dinâmica de produção do espaço deve ser situada temporal e espacialmente no próprio movimento da sociedade.

Ressalta-se que, apesar de algumas famílias terem sido pioneiras no processo de colonização da parte insular de Ananindeua, a produção do espaço nestas localidades não foi determinada por ações individuais. Houve sim, uma força maior advinda do espaço total, concebido enquanto instância social, que determina e é determinado pela sociedade, que impulsionou o processo de produção espacial em Ananindeua.

O espaço total a que nos referimos anteriormente é embasado no pensamento durkheimiano, pois torna-se um fato social que independe das vontades individuais. Assim, há um espaço total fruto da acumulação do trabalho e sistemas sociais (política, natureza, economia, cultura, etc.) que se desenvolve e constrange a vida dos sujeitos.

O espaço total se manifesta de forma diferenciada nos lugares. Os sujeitos não vivem no espaço total, apenas experienciam e produzem parte de uma totalidade que move-se constantemente. Esta lógica é o que explica a diferenciação dos lugares em suas formas espaciais, as paisagens (Santos, 2012a).

O espaço é a maneira que entendemos o todo. Para Lefebvre (1991) o espaço não é expressão das relações de produção no espaço, mas condição basilar para a produção, ou seja,

as relações sociais de produção existem a partir do espaço. Ressalta-se que o espaço lefebvriano não é neutro, geométrico, aritmético, lócus, areal ou situacional, mas o conteúdo que anima o espaço, o movimento do trabalho social. Segundo o mesmo autor, o espaço é alicerçado pelas relações de produção, sendo condição para a reprodução das relações de produção, espaço de conflito e luta de classes. O espaço é testemunho e testemunho das relações sociais. É através dele que entendemos como as outras instâncias (política, economia, sociedade, cultura, etc.) se realizam.

As variáveis tempo e escala são fundamentais para a compreensão do espaço. O tempo entendido nesta análise não é o linear, do relógio e da modernidade. O tempo é medido pelo movimento social e histórico. É através do tempo que podemos dizer que o espaço materializa os sucessivos modelos produtivos. Assim, o espaço é sempre expressão da acumulação histórica e social do trabalho que edificam formas espaciais. (Santos, 2012b).

A escala é ponto fundamental da análise do espaço, pois é através dela que podemos dimensionar como cada temporalidade produtiva se manifesta no espaço, ou seja, podemos compreender como os movimentos socioespaciais global, nacional, regional e local se espacializam nos lugares.

A escala orienta o entendimento de uma espacialização diferenciada da produção social. É neste contexto que podemos entender os tempos e produções culturais e materiais das empresas globais e dos ribeirinhos nas ilhas de Ananindeua, o rural e o urbano, a modernidade e cotidianidade. Todos devem ser analisados em diferentes escalas de ação.

A produção do espaço é sempre social. O espaço não é uma zona ou área delimitada. A reprodução do espaço também não é feita por lógicas sociais isoladas. Isto permite afirmar que a produção do espaço nas ilhas de Ananindeua foge a temporalidade dos próprios moradores das ilhas, pois a produção espacial na ilha não é uma produção autobiográfica dos ribeirinhos, visto que, o movimento da produção do espaço é sempre circunstanciado historicamente cujas manifestações locais representam um todo global em movimento.

Nas ilhas de Ananindeua o espaço é reproduzido por relações de trabalho que variam entre a instância capitalista e a pré-capitalista. A instância capitalista da produção do espaço é percebida quando os ilhéus reproduzem práticas de trabalho visando o mercado, ou seja, quando ofertam a terceiros/atravessadores na própria ilha e na parte urbana de Ananindeua, os frutos, o pescado, o camarão, caroços de açaí, carvão, polpas de frutas e hortaliças para serem consumidos. Assim, os produtos advindos das ilhas abastecem o mercado local e metropolitano.

Por outro lado, as relações pré-capitalistas inscritas na produção do espaço são identificadas quando os ilhéus produzem nas comunidades objetivando a troca e consumo familiar dos produtos. Estas relações apesar de antigas, tradicionais e ancestrais, só se realizam com a compra de pequenos instrumentos de produção nas áreas urbanas, mas quase não estão voltadas a comercialização.

A seguir observamos um conjunto de embarcações que permite-nos entender a dinâmica de produção do espaço nas ilhas de Ananindeua, visto que, esta forma de transporte é inerente a vida, cotidiano, cultura, trabalho e contexto socioespacial amazônico. Os rios representam uma das formas de integração das ilhas de Ananindeua ao mundo globalizado. As embarcações são objetos técnicos reproduzidos na Amazônia e criados secularmente em outras partes do mundo. Assim, o espaço amazônico reproduz parte dos processos sociais que ocorrem no mundo em sucessivas temporalidades.

Embarcações na Ilha Igarapé Grande, Ilha João Pilatos



Arquivo do Pesquisador: Dissertação de Mestrado, 2012.

Estas relações sociais locais que envolvem a produção do espaço devem ser entendidas a partir da fragmentação da produção social do espaço total, mundial e histórico, pois estas formas produtivas foram desenvolvidas há centenas de anos em outros pontos do planeta e, reproduzidas pelos ilhéus em suas comunidades.

A reprodução coletiva do espaço permite-nos entender que toda produção social do trabalho que rege a produção do espaço é constrangida e determinada coletivamente e historicamente. A produção do trabalho é produto do movimento social. Assim, a produção do espaço das ilhas de Ananindeua é determinada por relações de produção totais e locais que se amalgamam.

Os ilhéus não vivem de forma isolada do mundo. Aliás, nenhum ilhéu produz para si mesmo. A produção é sempre para o mercado, para o consumo coletivo, para ser inserida na sociedade capitalista e para a demanda de todos, sejam os mais próximos do seio familiar, da comunidade ou de um outro ponto da cidade, da Amazônia ou do planeta.

Nenhuma fração espacial das ilhas está desvinculada do espaço mundial. Contudo, o que ocorre é a integração entre produção do espaço total e produção reproduzida historicamente do e no espaço local.

A relação dialética entre produção do espaço nas ilhas de Ananindeua é acirrada na atualidade com a dinâmica da globalização. Aliás, foi a mesma que determinou o início da produção do espaço nas ilhas e ainda hoje tenta unificar os fragmentos de espaços e cotidianos dos ilhéus. Porém, apesar da globalização ter impulsionado a chegada dos ilhéus e ter criado o que hoje entende-se por parte insular de Ananindeua e, a cada instante, tentar homogeneizar os espaços locais, é sempre negada pelo lugar que, apesar de relacional, ou seja, expressar o movimento do todo social é negado pelas singularidades locais. O lugar, apesar de ser o ponto de encontro do mundo é o álibi para negar a própria globalização com o reforço da cultura, tradições, processos educativos e formas produtivas singulares, mas principalmente pelo cotidiano.

O espaço não é reflexo da sociedade, mas contém o movimento da sociedade. Lembremos que o espaço independe e determina a sociedade, num movimento dialético, mas é a sociedade quem produz o espaço.

A produção do espaço deve ser entendida a partir do movimento da sociedade, porém o movimento da sociedade encontra resistência as condições materiais dadas. O espaço não muda a cada transformação social, caso contrário, teríamos um espaço novo a cada grande transformação social. Como base da reprodução da sociedade o espaço interfere no movimento da sociedade quando a mesma através do trabalho produz as condições materiais de sua existência (Santos, 2014).

Nas ilhas de Ananindeua, o espaço deve ser entendido a partir da reprodução do modo capitalista, pois é ele quem impulsionou a própria criação das ilhas de Ananindeua. A produção do espaço nas ilhas deve ser compreendida a partir das condições que apresenta para a reprodução capitalista no espaço. A produção do espaço capitalista é diferente da reprodução capitalista no espaço. O espaço capitalista ocorre no interior das fábricas, *on line*, nas bolsas de valores, etc., mas a produção capitalista do espaço só ocorre quando o espaço determina e é determinado pelo movimento da sociedade, do capital e do espaço.

Em Ananindeua a produção capitalista do espaço insere as ilhas no contexto do desenvolvimento desigual e combinado da produção capitalista do espaço amazônico que possui ramificações globais. Pensar o espaço das ilhas sem considerar a atualidade e mundialidade da produção capitalista do espaço, representa congelar o movimento do espaço e da sociedade e enxergar o espaço das ilhas fora do contexto do movimento, processo e continuidade, uma sociedade de espaço neutro, congelado, mumificado e único.

A PRODUÇÃO DE PAISAGEM NAS ILHAS DE ANANINDEUA

A produção do espaço nas ilhas de Ananindeua pode ser compreendida a partir das paisagens, pois as mesmas revelam uma sucessão de tempos sociais, sistemas produtivos e trabalho materializados nas formas espaciais (Santos, 1997).

As paisagens são expressão das condições materiais de existência, sendo produzidas historicamente. As paisagens nunca estão resumidas ao observável. Não representam a realidade em si, vão para além do visível aparente.

As paisagens sempre revelam o movimento do todo, do todo espacial, da produção do espaço historicamente fragmentado. Um conjunto de paisagens humanizadas ou naturais pertencem a um todo em constante movimento que nunca cessa.

O todo é o reino vegetal, animal, social e mineral que para Santos (2012a) representa a configuração territorial. Neste sentido, podemos entender o movimento histórico e contraditório da sociedade pelo espaço, pela paisagem. O espaço e paisagem expressam o movimento da sociedade espacializada no meio físico existente.

A totalidade é sempre manifestada fragmentariamente. Isto pressupõe afirmar que as paisagens naturais e sociais das ilhas de Ananindeua são sempre manifestações da totalidade socioespacial cujos movimentos são contraditórios, pois envolvem o externo e o interno.

O externo é a manifestação do movimento social e espacial do mundo, cujo centro emana de uma lógica produtiva global. O interno é a dinâmica singular do local. Ambos se completam e se conflitam. O local resiste ao global, mas é influenciado pelo mesmo. O global precisa do local para se reproduzir. O global está a todo instante tentando subordinar o local a sua lógica. Ambos formam um todo unificado (Santos, 2013).

A paisagem é a emanção sensível do espaço, mas a emanção sensível não permite compreender o espaço. O sensível é, apenas, uma possibilidade de apreensão da paisagem. A imagem abaixo demonstra a paisagem enquanto emanção da visão, uma paisagem empírica.

Paisagem Empírica numa localidade da Ilha João Pilatos



Arquivo do Pesquisador: Dissertação de Mestrado, 2012.

O sensível ou os sentidos permitem reconstituir a paisagem, mas limita-se no plano do objeto dado. Contudo, a paisagem não pode ser apreendida, somente pelo plano dos sentidos.

Para Santos (2012b) a paisagem que vemos e que os sentidos compreendem não representa a paisagem em si. Para compreendermos melhor o significado da paisagem, façamos aqui uma grosseira comparação entre paisagem para o fotógrafo e para o geógrafo. Para o fotógrafo a paisagem é tudo aquilo que ele vê e descreve de um determinado local. Já para o geógrafo, paisagem é a manifestação fenomênica do fundamento conceitual paisagem, vai para além da sua manifestação empírica. Paisagem para o geógrafo é um recorte temporal e sucessivo da manifestação do espaço total que foi regido pelo movimento.

Quando observamos árvores, prédios, ruas, casas, plantações, cidades, etc., não estamos vendo paisagens, pois os objetos físicos postos nas localidades permitem apenas múltiplas interpretações das paisagens. Contudo, como a mesma não se resume a subjetividade, sendo produto também da materialidade e do movimento do espaço, devemos ultrapassar o sentido do visível.

Da mesma forma, quando observamos nas ilhas de Ananindeua, as florestas, os roçados e os rios, estamos apenas, observando uma manifestação da paisagem, mas não a paisagem em si. Neste caso é fundamental separar o visível do invisível, visto que, as paisagens não se resumem ao plano do vivido e do observável. Ler paisagens pressupõe traduzir e interpretar hermeneuticamente e dialeticamente o mundo, uma tradução do mundo.

É importante ressaltar que um dos primeiros contatos que temos com as paisagens nas ilhas de Ananindeua, ocorre pela observação do rio Maguari, mas observar o rio e outras paisagens não é o mesmo que explicá-las. Assim, as paisagens aparentes que observamos não é a paisagem enquanto objeto-pensado.

Embarcação com Destino as ilhas de Ananindeua



Arquivo do Pesquisador: Dissertação de Mestrado, 2012.

A observação da paisagem só tem sentido quando não apresenta um caráter conclusivo, finalístico e limitado ao plano do empírico. Observar paisagem representa caminhar para a inconclusão.

Evidenciamos que observar a paisagem é realizar um movimento limitado pelo órgão de sentido. Analisar a paisagem para além do observável significa problematizá-la cientificamente e tornar o pseudo-concreto em concreto-pensado. A paisagem nunca se limita aquilo que vemos.

Assim, as paisagens das ilhas de Ananindeua são construídas quando as tornamos objeto teórico, fato que permite a ruptura com a percepção primeira, o refino no trato da observação empírica. Observar as casas, o roçado ou a pesca nas ilhas de Ananindeua é o ponto de partida para a análise da paisagem, uma espécie de estágio inicial cujo término é sempre circunstancial, temporário e efêmero. Uma espécie de recorte, uma cartografia, um rizoma deleuze-guattariano. Nenhuma pesquisa, por mais elaborada que seja, poderá explicar a realidade. Toda realidade é fragmentária e depende do ponto de vista do observador. Portanto, quando analisamos a paisagem nas ilhas de Ananindeua, fazemos apenas, a análise temporal e espacialmente de uma fração do movimento do todo, que é o movimento do espaço, da sociedade.

Pois bem, a produção de paisagens na parte insular de Ananindeua tem na temporalidade parte de sua essência. As paisagens pretéritas são marcadas pela dominância do meio natural, ou seja, dos elementos da natureza, podemos citar a imensa floresta heterogênea e a biodiversidade. Estas paisagens foram humanizadas e sofrem na atualidade intensa degradação ambiental. Vale ressaltar que neste trabalho tratamos paisagem social como resultado da transformação da natureza natural em social.

A PRODUÇÃO DO LUGAR NAS ILHAS DE ANANINDEUA

Não há lugar fora do mundo, é o local onde o mundo se encontra, pois ninguém vive no mundo, vivemos no lugar. Contudo, o lugar não é o mundo em si, mas como o mundo pode ser compreendido, mas o lugar só pode ser entendido pelo entendimento do funcionamento do mundo.

Considerar o lugar pressupõe entender como a totalidade se expressa no mesmo. Lembrando que totalidade é o movimento do espaço total, edificado pelas relações que envolvem sociedade e espaço.

No lugar a sociedade total se manifesta de forma fragmentária, diversificada e seletiva. A totalidade representa o conjunto de sistemas técnicos, produtivos e econômicos (Santos, 2013)

Para o entendimento do lugar devemos considerar as escalas de ação, assim podemos perceber como o global, nacional e regional estão presentes nos lugares. Pelo lugar entendemos as paisagens, os territórios, espaços e vice-versa. O lugar por si só não se explica e não explica o mundo.

O lugar que visitamos é a emanção empírica e aparente do mundo. O lugar que estudamos é a manifestação epistemológica. Quando dizemos que localizamos nos lugares estamos nos referindo à apenas uma fração territorial. Contudo, quando situamos o lugar na totalidade do mundo, estamos ultrapassando o lugar enquanto objeto empírico, lócus da vida. O lugar varia de uma situação geográfica a um objeto de estudo, a uma categoria analítica.

O espaço, o lugar, o território, a região e a paisagem são sempre abstrações, categorias de análise. A percepção e indução humanas leva-nos facilmente a entender o que observamos, as evidências e, em geral, tratamos o que é visível como a tentativa de definição daquilo que as coisas ou os fenômenos se mostram. Neste sentido, as categorias de análises são sempre abstrações do pensamento a partir da realidade que se manifesta de forma visível ou empírica.

Estar numa pequena fração territorial não significa dizer que estamos num lugar, pois o mesmo somente representa a maneira como lemos, entendemos e analisamos uma área. O lugar não pode ser delimitado localmente. É sempre externo a internalidade.

O lugar também pode ser utilizado como ponto de referência para o entendimento do espaço, mesmo que de forma fragmentária, pois o mesmo é emanção do espaço total.

Todo lugar é singular, mas não único. Ser único significa dizer que o lugar inventou ele mesmo, mas quando dizemos que o lugar é singular, estamos afirmando que ele é

manifestação do mundo e das singularidades locais. O lugar não é o global em si, mas a porta de entrada para a manifestação da mundialidade. É através do lugar que entendemos o mundo.

O lugar também pode estar relacionado às dinâmicas de pertencimento, a construção de identidade e experiência coletivamente construída. Através do lugar podemos entender como os grupos criam territorialidades, criam afetividades e subjetividades com certas frações espaciais. A imagem a seguir evidencia a criação de laços subjetivos e criação da identidade a partir de práticas de trabalho do sujeito pescador.

Trabalho de Restauro na Embarcação



Arquivo do Pesquisador: Dissertação de Mestrado, 2012.

É através do lugar que entendemos como as comunidades denominadas de tradicionais constroem seus modos de vida ou modo de produção, seus saberes socioambientais e territoriais, tradições, culturas e cotidianos. Na imagem abaixo é destacado o cotidiano d modo de vida dos ilhéus. O trabalho que edifica a identidade é a maneira como os sujeitos produzem e reproduzem suas existências pela produção material.

Produção artesanal do Anzol de Pesca



Arquivo do Pesquisador: Dissertação de Mestrado, 2012.

Pelo lugar os grupos deixam suas marcas nos espaços físicos. Reivindicam frações territoriais, criam estratégias de resistência frente ao global e a quaisquer tipos de ameaças endógenas e exógenas que estejam direcionadas a desconfiguração da dinâmica que os grupos desenvolvem.

O lugar pode ser apreendido pelo que Santos (2013) chamou de psicoesfera que é um conjunto de valores associados a objetos técnicos, formas produtivas e a ações políticas que circulam no lugar.

Para Santos (2014) as verticalidades são os valores do mundo que chegam e tentam se impor ao lugar. A horizontalidade segundo o mesmo autor é a integração, de certa forma benéfica, entre sujeitos e lugares, já a horizontalidade é a contigüidade das frações territoriais ligadas por modos de produção e sistemas sociais articulados cujas singularidades dão uma identidade solidária aos mesmos. Assim, para o mesmo autor a horizontalidade pode ser entendida como um conjunto de valores de um lugar, a solidariedade orgânica. Já a verticalidade é a solidariedade organizacional, ou seja, como os lugares são conectados ao mundo.

A verticalidade é o fora. Um conjunto de redes mundiais que se manifestam nos lugares de forma fragmentada. Nas ilhas de Ananindeua, os projetos Agroextrativistas implantados ao longo da década de 2000 buscaram replicar redes de saberes e fazeres socioambientais pensadas num contexto mundial. A todo instante buscam inserir as comunidades na economia mercadológica do consumo comunitário e comercial, da adoção de

um modelo ecológico e sustentável de base local, enfim, os projetos agroextrativistas são verticalidades que tentam impor uma racionalidade orientada pela modernidade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os lugares e paisagens produzidos pelos ilhéus nas ilhas de Ananindeua não podem ser compreendidos somente pelas produções e experiências locais. Os lugares e paisagens em que ocorrem a pesca, a socialização de saberes e fazeres, a produção, do trabalho livre expresso pela lógica existencial e ontológica, a, produção do trabalho e a reprodução capitalista no e do espaço, o cotidiano, enfim, da reprodução da vida, só existem em relação com o mundo.

Nas ilhas de Ananindeua os lugares e paisagens não são locais delimitados. Não representam a situação geográfica ou uma localização num determinado ponto do espaço terrestre. São manifestações de um todo em movimento, do espaço fragmentado.

É a partir da manifestação da totalidade espacial que podemos afirmar que os lugares e paisagens das ilhas de Ananindeua são expressões muito maiores que o município de Ananindeua, são bem maiores que o Pará ou a Amazônia e se relacionam com o mundo em movimento, uma totalidade exterior que se manifesta, enquanto objeto empírico, mas que possui exterioridades. O lugar e a paisagem são categorias geográficas que permitem compreender as diversas frações espaciais das ilhas de Ananindeua numa escala que vai do local ao global. Lembremos que a base empírica da categoria não conceitua a categoria.

A produção do espaço, paisagem e lugar nas ilhas de Ananindeua não estão circunscritos a experiência única dos indivíduos, representam a experimentação do mundo, pois somos seres sociais e determinados coletivamente. Assim, quando os ilhéus relatam práticas de trabalho que produzem saberes socioambientais, criados a partir dos lugares e das paisagens, são dinâmicas e experiências apreendidas pelo contato no interior das comunidades e com as relações tecidas com o mundo. As experiências e ações não partiram dos próprios sujeitos como num passe de mágica, como conhecimento produzido de forma inata.

O lugar é sempre uma possibilidade, não é finalidade. Possibilidade de experienciar o mundo, de entendimento das relações que os sujeitos constroem. Para entendermos a produção das paisagens precisamos compreendê-las como um constante processo de transformação do local e do global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEFEBRVE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo, 1991. Editora Ática.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade ao Lugar**. 1ª Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Metamorfose do espaço Habitado: Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 7ª Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **O retorno do Território**. In: **Território, globalização e fragmentação**. 4ª ed. São Paulo. Ed. HUCITEC, 1998.

_____. **O espaço Cidadão**. 7ª Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Editora da Cidade de São Paulo, 2012. Coleção Milton Santos.

_____. **Por uma Geografia Nova**. 6ª Ed. São Paulo. Editora da universidade de São Paulo, 2012 – Coleção Milton Santos – 2). 2014.

_____. **Técnica, Espaço Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3ª Ed. São Paulo. Ed. Hucitec, 1997.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico, científico e informacional**. 5ª Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2013.